

FOLGUEDOS NATALINOS

CAVALHADA

THEO BRANDÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Museu Théo Brandão

REITOR: Prof. Manoel Machado Ramalho de Azevedo

VICE-REITOR: Prof. João Azevedo

PRÓ-REITORES:

Prof. José Medeiros (Assuntos Estudantis e Comunitários).

Prof. José Damasceno Lima (Assuntos Acadêmicos)

Prof. Audálio Cândido dos Santos (Assuntos de Planejamento)

CHEFE DE GABINETE: Prof. Elias Passos Tenório

DIRETOR DO MUSEU THÉO BRANDÃO: Prof. Fernando Lôbo.

Coleção Folclórica da UFAL

Museu Théo Brandão, de Antropologia e Folclore

Convênio: UFAL/CBDF

APRESENTAÇÃO

Uma apresentação para os trabalhos de Théo Brandão não deveria ser elaborado por um mero admirador de sua obra. Exige conhecimentos. Exige o sangue dos que dançam com o corpo e a alma sob os ritmos populares. Exige aquele embalo da viola chorona, do verso improvisado inteligentemente, das cores dos seus mateus, dos seus palhaços, das suas pastorinhas, dos seus... personagens que abastecem o quadro folclórico de Alagoas.

Não tenho a garganta para as cantigas de abrigão, de louvação ao dono da casa. Ignorado nos "entremeios", no máximo enveredo pela gulodice "dos pés de moleque, nos cuscus, de massa pua e de milho molhados com leite de coco, nas cocadas de coco verde, nos amendoins torrados, nos roletes de cana, nos pacotinhos de farinha de milho", (1)

Mas, atocaiado, o jeito que há é obedecer.

*"Te ajoelha Guerrêro,
Vai cumpri a tua sina,
Botemo joelho em terra
Vamo rezá o Divino". (2)*

Pois, sendo "papa-sururu", nunca afastado das margens lamacentas da Mundaú, não deixei de ser o índio que embora cansado, abatido, "mas ainda duelando, ora de joelhos, ora deitado, aos embolêus, espada na mão", (3)

*"Eu fui preso nesta aldeia
Numa grande disciplina
Numa roda de navaia
Vou cumpri a minha sina". (4)*

Théo Brandão é um patrimônio desta terra. Sua dedicação à cultura alagoana fá-lo imorredouro (se a ingratidão não incluí-lo entre tantos levados pela memória de Augusto Vaz Filho).

Daí, toda uma preocupação que possui a Universidade Federal de Alagoas em tomar a iniciativa de implantar o seu Museu

de Antropologia e Folclore, como uma contribuição efetiva e permanente ao desenvolvimento sócio-cultural de Alagoas. Não mais uma instituição como tantas outras que morreram de inanição, marcando sua passagem entre nós, apenas, com o fogueirão do nascedouro.

É o Museu, diferentemente dos que muitos possam entender, um órgão dinâmico. Não se constitui num mero depósito de material. Há um papel importante a desempenhar para o desenvolvimento de estudos, pesquisas sem se esquecer, evidentemente, da extensão, junto à comunidade.

Não se há de entendê-lo como simples promotor de exposições, nem se resumir num estimulante no alarido esfuziante dos folguedos que promove, porém compreendê-lo como instrumento pragmático, inclusive. Capaz de servir adequadamente para o "estudo do homem e de suas obras".

Já os antropólogos antigos "estavam imbuídos da convicção de que o conhecimento das culturas humanas daria vantagens práticas aos homens - na redução da crueldade, miséria e ignorância". (5)

Várias iniciativas já foram tomadas para instalação de um Museu nesta área. Inclusive projeto foi apresentado na Câmara dos Deputados. (6)

Acredito, profundamente, na importância do Museu Théo Brandão e no seu relevante papel.

Orgulha-me (desculpe-me a imodéstia) ter sido um dos responsáveis pela sua implantação. Fi-lo por dois grandes motivos. Primeiro, não se pode deixar morrer esse grande potencial folclórico alagoano, riquíssimo. Segundo, uma admiração profunda por este grande homem e cientista Théo Brandão. Se me é permitido um conselho, faço carecendo aos intelectuais alagoanos, aos homens públicos e à comunidade que sejam capazes de compreender a valiosa contribuição que esse Museu Théo Brandão poderá prestar ao engrandecimento de Alagoas. (7)

Maceió, janeiro de 1976.

JOÃO AZEVEDO

1. BRANDÃO, Théo - O GUERREIRO. DEC.
— Avulsos do Folclore de Alagoas
Maceió, 1964 - p.07

2. Idem, p. 16

3. Idem, p. 30

4. Idem, Idem, p. 30

5. FELTO, Ferti J. — INICIAÇÃO AO ESTUDO DA ANTROPOLOGIA

— Tradução Waltensir Dutra. 2ª ed. Zahar

Ed. Rio. 1971 — p. 30

6. AZEVEDO, João. — Sínteses. Gazeta de Alagoas, 13.11.1964.

7. AZEVEDO, João. — Sínteses. Jornal de Alagoas, 30.11.1975.

A CAVALHADA

Originária dos torneios medievais com que os cavaleiros se entrelinham nos intervalos das lutas e das guerras, a cavallhada teve sua época áurea na França, por ocasião do casamento de Luis XIII e durante o reinado de Luis XIV. Através de Portugal, onde eram conhecidas e praticadas desde o século XV, penetraram no Brasil no século da descoberta, em Pernambuco, onde lhes assistiu Cardim no ano de 1583.

Embora constassem, como em Portugal, de desfile de cavaleiros corridas de cavaleiros, jogos de canas, manequim, manilhas e argolinhas, só os desfiles e corridas de cavalos e jogos de argolinha vieram a constituir nossa Cavallhada nortista. Só de argolinha foram, por exemplo, as Cavallhadas que se realizaram em Recife ao tempo do Conde de Nassau, entre os holandeses por este príncipe capitaneados e luso-brasileiros sob a chefia de Pedro Marinho Falcão.

Divertimento mantido e desempenhado outrora pela aristocracia e ainda hoje pelos proprietários rurais, é, todavia, do agrado de todas as classes, porque, divididos os doze cavaleiros ou pares em dois cordões — azul e encarnado, como nos Pastoris — os "torcedores" se movimentam, emulando-se nos aplausos, nos premios de fitas, cortes de sedas e fazendas para os vitoriosos na justa.

A diversão realiza-se em ampla praça, descampado ou parque onde pode ser demarcada a pista ou trilha de corrida. Antes de seu término colocam-se dois postes aos quais se amarra a corda de que é suspensa pela garra a argolinha.

Fronteiro a eles arma-se geralmente o palanque da Comissão Julgadora, a quem incumbe premiar as primeiras "lanças" de cada cavaleiro. As laterais da pista são isoladas por ripados que se adornam de bandeirolas de papel de seda.

Integram a cavahada doze cavaleiros ou *pares* que recebem geralmente os nomes dos heróis da gesta carlovingia, segundo a versão portuguesa: Roldão, Oliveiros, Gui de Borgonha, Ricarte de Normândia, Urgel de Danoá, Guarim de Lorena, Bosim de Gênova, Trieti de Dardânia, Duque de Nemé, Hoel de Nantes, Geraldo de Mondifer e Lamberto de Bruxelas. Os dois *pares* dianteiros são chamados de primeiro e segundo matinadores (corru-tela de mantenedores, em outros Estados), chefes respectivamente dos cordões encarnado e azul. Devem ser mestres consumados na arte. Os derradeiros, *cobridores*, devem-no ser igualmente, pois lhes incumbe tirar obrigatoriamente a argolinha, caso não o tenham feito os que os antecedem na corrida.

Vestem-se atualmente os cavaleiros de calças brancas, paletós da mesma cor ou blusas de setim azul ou encarnado, casquete com enfeites e bolotas e faixa ou *banda* de iguais tonalidades, faca e esporas de prata, lenço branco dobrado ao meio, ao lado direito do cinto. Antigamente trajavam saiote de belbutina de côr com babados e galões dourados, capa curta bordada com espi-guilha, capacete com idênticos enfeites e rosa artificial no cinto.

Armam-se de lanças compridas de madeira, em certos casos; noutros, de buquês de flores nas mãos, incumbindo-se, então, os porta-lanças ou escudeiros de levá-las de um ponto a outro da pista aos diversos cavaleiros de cada partido.

Os cavalos são ricamente ajaezados, carregando arreios de prata com guizos, medalhas, moedas de prata e ouro, flores de ouropel, cabeçadas com torçais de ouro ou sêda.

O torneio ou divertimento consta de três partes obrigatoriamente realizadas na seguinte ordem: visita à Igreja, Corrida de Argolinhas e Escaramuças.

A tarde, devidamente paramentados, em dupla fila, marcham os cavaleiros compassadamente ao som da orquestra regional de pifanos e zabumba denominada de "Esquenta Mulher", em direção à Capela ou Igreja mais próxima. Chegados à sua frente, fazem a saudação ritual, tirando os gorros, benzendo-se, arrancando as facas das bainhas e beijando-as como sinal de fidelidade à religião que professam. Desmontam, em seguida, e dirigem-se ao altar onde depositam seus buquês com as súplicas ao padroeiro pela felicidade no torneio que se vai realizar.

Finda a cerimônia, dirigem-se ao campo, puxados pela orquestra rústica, aí volteando a pista, três vezes por dentro dos postes, e três vezes por fora, a galope, sempre ao se aproximarem das pontas ou fim da pista.

Dispondo-se depois no começo da pista, num local simbólicamente denominado "barraca", em dupla fila, dá-se início ao torneio propriamente dito, com as chamadas corridas de parelhas.

Terminada esta como que introdução à corrida de argolinhas, os matinadores galopam até junto dos postes imediatamente seguidos pela segunda parelha a quem incumbe amarrar a corda aos postes sendo por isso chamada de "amarra-corda". Após, as duas parelhas terminam o percurso até o fim da pista, seguidas pelas demais que já o fazem por baixo da corda esticada de poste a poste.

Na terceira carreira de parelhas os *matinadores* param junto aos postes e após o primeiro beijar a argolinha, levanta-se nos estribos e com uma só mão a coloca na garra gancho preso à corda. Terminada a terceira carreira de parelhas começam, então, as corridas de lança ou à argolinha, a parte mais emocionante do torneio.

A torcida do azul e do encarnado, de um lado a outro da pista, mesmo arrostando a pata dos animais e o poeirinho que se levanta, invade o campo, grita para animar seus cavaleiros, pula, berria, joga chapéus ao ar quando seus favoritos conseguem fazer a lança, isto é, *colher a argolinha*; ou, ao contrário, abate-se quando de seus partidários escapa o troféu.

Consistem as carreiras de argolinhas em procurar o cavaleiro em disparada, enfiar a lança no anel de ferro, recolhendo-a da garra. Para isso, no começo da pista, de costas para os postos, o cavaleiro recebe a lança do escudeiro, benze-a e vira o cavalo em direção à meta em plena disparada. Na carreira, antes de atingir os postes o cavaleiro faz giros e movimentos variados com a lança, diversos para cada uma das carreiras. Só ao aproximar-se dos postes é que firmará a lança imóvel na mão.

Na destreza e mestria dos movimentos da lança, na firmeza do pulso ao apontá-la para a argolinha, no garbo e donaire ao realizar a carreira e finalmente no alcançar o troféu cobiceado está o mérito e a vitória do cavaleiro que é celebrada por gritos e aplausos dos partidários, pelo espoucar dos foguetes e pela música alegre e viva do "Esquenta-Mulher".

Tirada a argola, mantém-na o cavaleiro na lança que repousa sobre a coxa direita, até que receba os prêmios a que faz jus.

Estes constarão de fitas, cortes de fazenda, antigamente écharpes finos, xales de valor, amarrados na lança, no braço esquerdo ou a tiracolo. O primeiro prêmio recebido na lança é destinado ao padroeiro em cuja honra se celebra a festa. Os demais devem ser ofertados pelo cavaleiro a pessoas de sua amizade ou simpatia, presentes à festa. Os amarrados nos braços ou a tiracolo lhes pertencerão e sobre o cavaleiro ficarão até o fim da corrida, o que faz com que os mais premiados apresentem-se mais vistosamente ornados.

Os primeiros prêmios de cada lança, já vimos, deverão ser obrigatoriamente concedidos pelos membros da Comissão Julgadora. Os seguintes pelos partidários, amigos, admiradores, parentes, sempre dispostos a fazer "bonito" e não deixar um cavaleiro de seu partido ou amizade pouco aquinhoado de prêmios. Os próprios cavaleiros premiam seus companheiros, mesmo do partido contrário, numa prova de alto cavalheirismo.

Recebidos os prêmios é que o cavaleiro deixa cair a argolinha que um escudeiro apanha para ser novamente levada à garra para nova corrida.

Após cada corrida, enfileiram-se os cavaleiros ao fim da pista, só retornando à "barraca" após chegar o último companheiro que é o 2º "cobridor".

Na última carreira à argolinha não há obrigação de enfiá-la na lança. Bastará, para fazer jus a prêmio, bater na garra. Chama-se "corrida à garra", oportunidade para serem aquinhoados cavaleiros pouco destros ou infelizes.

Findas as seis carreiras, vencerá o partido que maior número de lanças houver feito, o que será indicado por bandeiras colocadas em dois mastros que se acham num e noutro lado da pista.

A terceira parte do torneio consta de demonstrações equestres. Há carreiras de parelhas, sem lanças, tirando os cavaleiros seus capacetes durante os galopes, segurando a ponta do lenço estendida pelo companheiro, ou abraçando-se. Depois, seguem-se as *escaramuças* em número de três: o *oitos e nozes*, os *zeros* e os *biscoutos*, cada uma delas com manobras características e complicadas.

Termina o torneio com a *Retirada*, quando as parelhas se seguram mutuamente às rédeas e desfilam em frente ao palanque, facas embainhadas sobre a coxa direita, que são em seguida beijadas e agitadas em continência na direção ao público, em sinal de gratidão.

Quando há procissão, os cavaleiros acompanham-na logo após o pátio e, uma vez recolhida esta, ou quando não se realiza, faz-se o *Agradecimento*. Diante da Igreja ou do palanque, o 1º matinador agradece em emocionada alocução os serviços prestados por seus companheiros, abraçando-os um por um, no mesmo ritual em que, de certo, outrora, os senhores feudais agradeciam aos seus vassalos e feudatários os serviços prestados nas guerras e nos combates.

Já à boca da noite, os cavaleiros se recolhem às suas residências, carregados de troféus e presentes.

Em algumas cavalhadas há uma parelha de bobos ou mascarados e outrora, sobretudo na época de carnaval, existiam as cavalhadas cômicas com todos os cavaleiros mascarados.

No Norte do Estado, há variantes no ritual, como por exemplo, a tomada da barraca dos prêmios pelo partido que houver conseguido a vitória.

Talvez uma reminiscência da tomada do castelo dos mouros, das cavalhadas dramáticas de mouros e cristãos, existentes no Sul: Rio Grande, Paraná, São Paulo, Goiás, mas nunca registradas no Nordeste.

Editado pela
IMPRESA UNIVERSITÁRIA
da Universidade Federal de Alagoas

Museu Théo Brandão

Cx. Postal, 145 — Campus Tamandaré

57.000 — Maceió - Al.